

## ASPECTOS DO PENSAMENTO DE FLUSSER NO BRASIL A PARTIR DE SUAS CARTAS: DORA E VILÉM

*Aspectos del pensamiento de Flusser en Brasil a partir de sus cartas: Dora y Vilém*  
*Aspects of Flusser's theory in Brazil based on his letters: Dora and Vilém*

**\_ JOSÉ AMÁLIO DE BRANCO PINHEIRO  
\_ LUIZ ARMANDO DE MOURA**

Foto: Nile

SOBRE OS AUTORES >

JOSÉ AMÁLIO DE BRANCO PINHEIRO>

Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica na PUC-SP. E-mail: pinheiro@pucsp.br

LUIZ ARMANDO DE MOURA>

Mestrando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: luizmoura8@gmail.com

RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

As várias camadas do pensamento flusseriano serão aqui vistas na articulação das cartas com as demais séries: artigos, ensaios, autobiografia etc. A conversa amplia-se, em idas e vindas, a partir dos diálogos epistolares com Dora Ferreira da Silva sobre a vida cultural no Brasil, sobre a morte e sobre o filósofo Vicente Ferreira da Silva. A ideia é ressaltar, nessas encruzilhadas textuais, a cosmovisão do autor checo pelo menos em dois níveis conexos: superar as armadilhas da visão unidimensional do Ocidente; trazer à tona as estruturas subterrâneas do ambiente brasileiro.

Palavras-chave: correspondência, ambiente brasileiro, conversa, Vilém Flusser, Dora Ferreira da Silva, Vicente Ferreira da Silva

Resumen: Las diversas líneas del pensamiento Flusseriano se verán aquí en la articulación de las cartas con las otras series: artículos, ensayos, autobiografía, etc. La conversación se expande en idas y venidas de los diálogos epistolares con Dora Ferreira da Silva sobre la vida cultural en Brasil, sobre la muerte y sobre el filósofo Vicente Ferreira da Silva. La idea es enfatizar, en estos cruces textuales, la cosmovisión del autor checo al menos en dos niveles relacionados: superar las trampas de la visión unidimensional de Occidente; sacar a relucir las estructuras subterráneas del entorno brasileño.

Palabras-clave: correspondencia, ambiente brasileño, conversación, Vilém Flusser, Dora Ferreira da Silva, Vicente Ferreira da Silva.

Abstract: The various layers of Vilém Flusser's theory will be seen here in the articulation of the letters with the other works: articles, essays, autobiography etc. The conversation expands into agreements and disagreements from the epistolary dialogues with Dora Ferreira da Silva about cultural life in Brazil, about death and about the philosopher Vicente Ferreira da Silva. The idea is to emphasize, at these textual crossroads, the Czech author's worldview at least on two related levels: overcoming the traps of the one-dimensional view of the West; bring up the underground structures of the Brazilian environment.

Keywords: correspondence, Brazilian environment, conversation, Vilém Flusser, Dora Ferreira da Silva, Vicente Ferreira da Silva.

# ASPECTOS DO PENSAMENTO DE FLUSSER NO BRASIL A PARTIR DE SUAS CARTAS: DORA E VILÉM

## I

Passagens deixam rastros. E esses rastros conectam as pessoas. Ao estudar a obra de alguém, também estudamos os rastros deixados pela passagem daquela pessoa no mundo. Olhar, assim, toda a vida de alguém, nos mostra como uma linha do tempo se cruza com outras. Dezenas, centenas, milhares de trajetórias se cruzam deixando marcas, impressões e ideias que se manifestam de formas imprevisíveis.

Isso tudo fica ainda mais notável quando nosso objeto de estudo é a correspondência. Cada carta é, em si, um rastro - não apenas simbólico mas físico - deixado num esforço de realizar uma conexão. Escrever uma mensagem em um papel e a enviar para outra pessoa a fim de se comunicar é um ato que carrega sentimentos - assim como para quem a recebe. Atualmente os veículos mais utilizados para trocar correspondência são os aparelhos móveis, em mensagens de texto que, na verdade, são códigos efêmeros projetados sob uma tela, entregues instantaneamente e que podem ser facilmente apagados.

Durante a vida de Vilém Flusser, muitas conexões e desconexões aconteceram. Simbólicas ou físicas, todas dotadas das complexidades próprias das relações humanas. Uma das figuras mais notáveis com quem Flusser se relacionou foi Dora Ferreira da Silva. Uma relação intelectual, pessoal, de admiração, conflitos e feridas.

Todas as amizades de Flusser tiveram impacto essencial no que ele foi como pessoa e também em todas as suas reflexões e em sua obra. O que investigaremos aqui, olhando suas correspondências com Dora Ferreira da Silva, é como se dão esses elos pessoais e, mais especificamente, como eram as cartas trocadas pelos dois em época tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante, tendo em vista o curso acelerado dos aparelhos telemáticos. Afinal, se algo permanece, é a presença desses rastros que deixamos e nossas conexões de uma vida que vale ser vivida. As cartas, por se estruturarem de maneira mais livre, dado o seu gesto emocional e afetivo, liberam-se mais facilmente das regras e da linearidade da escrita: "...a história do Ocidente começa com a invenção da escrita, e com a invenção da impressão o Ocidente se tornou a sociedade que pensa sob a forma escrita" (FLUSSER, 2014: p. 107-8). As cartas, portanto, por serem um "gesto de escrever" menos oficial e mais vital, servem de eixo para mobilizar o ideário de Flusser nos seus tempos de Brasil. Por essas razões inclusive, transcrevemos as cartas com sua grafia original, que não se adequam às normas atuais da ortografia.

Vale aqui, para a correspondência flusseriana, a noção de série conforme praticada pelo russo Iuri Tinianov, para quem as cartas eram uma série em interação construtiva com, por exemplo, as séries das linguagens orais e gestuais cotidianas, a literatura e o ensaio. Citemos o próprio Tinianov (1968: p.148), ao falar das relações entre a forma contrastante das cartas e os romances em Dostoiévski:

Indicativa a respeito é a forma epistolar, escolhida inicialmente por Dostoiévski: não somente toda carta deve ser provocada pela precedente por contraste, mas também, por sua própria natureza, esta encerra em si o contrastante alternar-se de entonações interrogativas, exclamativas, conativas. Dostoiévski transportou depois estas qualidades da forma epistolar para o ordenamento por contraste dos capítulos e dos diálogos dos seus romances. (grifos do autor). (TINIANOV, 1968: p. 148)

Desse modo, Tinianov (formalista muito pouco formalista) vincula mútua e esteticamente o gosto de Dostoiévski pelos contrastes nas conversas em voz alta, a série epistolar e a feitura dos romances. Nessa linha, nenhum texto poderia ser analisado como estrutura autônoma dentro de um gênero isolado. Uma figura como Flusser certamente expõe algo parecido com sua correspondência e sua obra filosófica, distribuída em vários formatos e suportes: suas missivas ajudam-nos a compreender o movimento de termos como conversação, dúvida, história, gesto, língua, realidade, religião etc. dentro do conjunto intercomplementar da sua obra. Interessam-nos aqui especialmente os nexos entre tais cartas e o pensamento de Flusser sobre o Brasil e os amigos brasileiros. Citemo-lo de uma palestra: "A conversação é um campo no qual me encontro com outros, no clima da realidade. A conversação é o fundamento do meu estar aqui na realidade. Sou, realmente, eu, porque concordo com outros, conversando. O fundamento da minha realidade é um acordo com outros" (FLUSSER, 1966: p.172). Compare-se com o que é dito, em montagem rápida, numa carta reproduzida aqui logo abaixo: "Clima: amor infeliz. Meta: fazer da própria vida laboratório para outros." (FLUSSER, 1973), Veremos que de fato trata-se de um vasto território pendular entre acordos e desacordos, dadas as interações entre língua e realidade.

## II

Dora Ferreira da Silva também teve uma trajetória profissional difícil de resumir. Foi poeta, tradutora, ensaísta, professora, fundou revistas e centros de estudo. Relacionou-se com diversos intelectuais como Oswald de Andrade, Guimarães Rosa, Vilém Flusser e, principalmente, Vicente Ferreira da Silva, com quem foi casada desde seus 19 anos e assim estabeleceu uma relação de afeto e parceria.

Como pode ser visto pela quantidade de cartas que ambos trocaram durante a vida, Dora e Flusser eram muito amigos e tiveram, por longo tempo, uma relação de admiração mútua e, também, cheia de conflitos. Tanto Dora quanto Vicente eram frequentadores do terraço de Flusser em São Paulo. Nas palavras de Flusser: “No terraço (se) dá de cara com os amigos empenhados em diálogo violento que formam círculo grande ou vários pequenos” (FLUSSER, 2007).

Leiamos inicialmente este trecho de uma carta enviada da França por Vilém Flusser para Dora em 16 de Agosto de 1973:

Minha querida Dora, tua carta côr-de-rosa e teu poema para o Bonnier (inteiramente intraduzível, tipicamente seu), chegaram, e também tua via. Nada direi a respeito, a não ser que é belo o teu livro. No meu programa está um trabalho em profundidade sobre tua poesia, mas para isto preciso de duas coisas: (a) conseguir ler-te sem ver-te, e (b) o teu livro anterior, que inclui as tapeçarias, que para mim continuam sendo o núcleo do teu trabalho. Quero fazer um close reading fenomenológico de alguns dos teus textos, e depois um projetar sôbre o teu contexto.

Faz parte da minha autobiografia, e desta do capítulo diálogos. Os seguintes se precedem: Alex Bloch, Milton, Vicente, Flexor, Rosa e H. Campos. Os seguintes devem seguir-te: José Bueno, Mira, Ely, Reale etc. Eis a estrutura da coisa: I: perda do fundamento (Praga, nazismo, guerra, S. Paulo 40-45) II: busca de fundamento: (filosofia, Wittgenstein e Kafka, logas, natureza brasileira 45-50) III: engajamento dialógico brasileiro: (50-70). IV: engajamento discursivo brasileiro (50-70): aulas, conferências, ensaios publicados e não-publicados, atos como Bial, Folha, Estadão, FAAP V: desengajamento penoso e busca do “self” (70-): cristianismo, judaísmo, neo-marxismo, volta à fenomenologia, Mole, Bonnier, Berger etc. Tema fundamental: fé no desespero. Temas epifenomenais: massificação, Kitsch, Brasil, cientificismo, futuração, “nôva esquerda”, crise da arte. Ritmo: elgiaco. Estilo: fenomenologia existencial. Método: Análise da memória consciente. Clima: amor infeliz. Meta: fazer da própria vida laboratório para outros (FLUSSER, 1973).

Podemos ver que, nessa carta, Vilém Flusser logo prossegue a falar sobre sua autobiografia - ainda em manuscrito - que fora enviada em anexo. Flusser destrincha a estrutura de sua obra em andamento, mostrando que viria a fazer capítulos individuais para cada pessoa com quem teve diálogos, incluindo a própria Dora e seu marido Vicente, já falecido nessa época. A carta prossegue:

O Milton detestou, dizendo que é demasiadamente subjetivo que escrevo, e que ofendo amigos, (inclusive você por causa da minha análise de Vicente). Milton crê que se trata de strip-tease sem vergonha. Isto me breca, porque dou enorme peso ao seu ponto de vista; Meu editor francês acha o contrário: impessoal por demasiadamente “especulativo”. Você vê: minha biografia é subjetiva por ser minha, e especulativa por eu viver especulativamente. Sei que você é mais aberta que o Milton e não creio que nossa amizade pode ser prejudicada por honestidade. Por favor: você se reconhece no meu retrato que fiz de você, e aonde errei a teu, (e meu) respeito? Dora, você está me fazendo falta. Mas sei agora, (não apenas suspeito), que meu trabalho se perdia no Brasil, porque sei que aqui estou sendo “revelante”. Pensei e publiquei muita coisa no Brasil que lá passou despercebida, e aqui teria tido efeito. Pior foi o caso do Vicente. Aquí teria sido líder da nôva esquerda. O Maio 68 parisiense foi vicentino: “Imaginação ao poder!” e “Abaixo os programas, vivam os projetos!” - Foi tragédia do Vicente ter vivido em S. Paulo, quando a Europa estava madura para ele. Mas agora é tarde para ele, (Já está sendo digerido o seu pensamento), e pra mim (já fui): anaké. Seja abraçada (FLUSSER, 1973).

Aqui cita Milton Vargas, dizendo que este “detestou” sua obra por acreditar, além de outros fatores, que é ofensiva para com aqueles retratados, incluindo a própria Dora. Não necessariamente pelo capítulo dedicado a ela, mas pela análise feita de Vicente.

O texto em questão seria lançado futuramente sob o título “Bodenlos: uma autobiografia filosófica”, e o que Flusser tem a dizer de Vicente na obra é, num primeiro momento, tocante. Partindo de uma reflexão sobre a mortalidade, amizade e luto, Flusser escreve:

Certas situações existenciais se recusam a uma análise teórica, embora sejam situações frequentes e vivenciadas por todos. A mais característica entre elas é a morte do outro. (...) Toda vez que procuro rotular o outro, toda vez que procuro classificá-lo por exemplo sob a classe “amigo”, ou “parente”, ou “parceiro”, reifico o outro e perco a sua essência: a de ser ele insubstituível. Portanto toda generalização da morte do outro por classificação em morte de amigos, de parentes etc., é não apenas falsificadora do fenômeno, mas existencialmente revoltante. (...) Não é um amigo que morreu, foi Vicente. Com efeito, a amizade nasce quando um rótulo após outro são retirados, e o outro inteiramente inclassificável aparece por baixo deles (FLUSSER, 2007).

Aqui, podemos ver um pouco do pensamento de Flusser em relação às conexões que fazemos em vida e sobre a amizade: como um processo de desnudamento de rótulos com o fim de poder observar a pessoa em sua complexidade, sem a necessidade de categorizar ou rotular. Nesse primeiro momento, vemos que Vicente marcou Flusser, porém não do jeito que se espera, conforme veremos no trecho a seguir:

Eis o ensinamento da morte do outro: toda generalização é falsificação do fenômeno do



outro, e isto é o ensinamento do judeu-cristianismo. É isto o significado de “alma”. É esta também a razão pela qual a base mesma do pensamento de Vicente é falsa, pecaminosa, e radicalmente recusável. Porque Vicente teoriza o existencial e generaliza o concreto, e com isto projeta toda uma cosmovisão radicalmente falsa. (...) Tem conhecimento penetrante graças a tais generalizações, mas não tem nenhuma compreensão, e (por que não confessa-lo?) isto é sinônimo de maldade. Maldade teórica e desexistencializada, bem entendido, não maldade na decisão e no ato, mas maldade não obstante. E é a sedução do Mal sob sua máscara de beleza teórica que atrai em Vicente e também o seu correlato: a tentação de demonstrar o erro fundamental a ele e assim salvá-lo. E isto é o relato do diálogo com ele (FLUSSER, 2007).

Logo, Flusser começa a descrever o pensamento de Vicente como pecaminoso e seduzido pelo Mal.

Bastava imaginar o que seria se Vicente, por toque de magia, se transformasse em dono do mundo e assim estivesse obrigado a transformar sua teoria em práxis: genocídio, anarquia social e econômica com espoliação desimpedida do impotente pelo poderoso, perseguição fanática dos opositores de Vicente: mas ninguém, nem o próprio Vicente, jamais procurou imaginá-lo até que Vicente tenha se encontrado com a gente (FLUSSER, 2007).

### III

Neste ponto temos de considerar o enorme vigor de Flusser (2007) para combater, a partir de uma trama provocações, os argumentos que tendem à uniformização lógica das posições, que esterilizam a busca produtiva das camadas mais ocultas e autênticas:

Meu propósito não era chegar a proposições logicamente inatacáveis e estabelecer um sistema rigorosamente consistente. Muito pelo contrário, considero tais posições e tais sistemas como insignificantes, por improdutivos. Meu propósito era submeter a proposição inicial a um processo de conversação interna (...) para verificar até onde ela é fértil, no sentido de provocar novos pensamentos e ampliar a conversação (FLUSSER, 2007, p.202-3).

Para Flusser, se a conversação mantiver a organização semântica do pensamento via sistemas flexionais das línguas ocidentais, será mais uma conversa fiada, conversa trivial, doxa, fixando “a tendência centrípeta do pensamento”(FLUSSER, 1999:p.69). Conforme acentua oportunamente Batlickova (2010:p.94):“A conversação da civilização ocidental já conversa apenas sobre si mesma, porque abandonou a intuição poética. A solução que Flusser sugere é um tipo de relação com o que nos supera, com o transcendente.” O pensador tcheco não podia aceitar a simples louvação post-mortem, muito embora merecida, do amigo, em meio ao luto: o apenas reconhecimento póstumo entroniza e alinha o mistério da morte dentro do sucesso unidimensional da história progressivo-linear. E Flusser queria Vicente Ferreira da Silva situado como representante brasileiro na não-história lúdico-mítica.

Vamos percebendo que a análise das cartas, com sua inflexão mais direta, coloquial e sentimental, necessita, para aprofundarmos o sentido do diálogo, da correlação com as demais séries praticadas pelo autor. Por isso, diz Tinianov (1968):

O estudo isolado de uma obra não nos dá segurança para falar corretamente da sua construção, isto é, a construção dessa mesma obra". Esclarece a seguir essa interação interno-externa entre o texto de que se está falando e os demais: "A autofunção, a saber, a correlação de um elemento com a série de elementos semelhantes de outros sistemas e de outras séries, é condição da sin-função, da função construtiva deste elemento (1968: p. 97).

#### IV

Portanto, sem esse percurso intertextual, não é difícil entender Milton Vargas quando disse que o texto "ofende amigos", em especial a Dora, visto o trecho sobre Vicente. É um texto duro e impetuoso, apesar de um começo tocante e sensível. Dora responde:

Vilém, claro que autobiografia já diz o que é: escrever a própria vida, misturando-se com tudo que se aproxima ou se afasta do centro (o autobiografante-autobiografado). Autobiografia é auto-retrato e, no seu caso, concordo com o Milton, auto-análise que se compraz em volteios. O tom, às vezes, não me parece muito veraz, é sofisticado, ao espelho, de olhar oblíquo. (...) Que pena, Flusser, você não conheceu o Vicente! (...) Não percebe que o "Vicente" é seu alter-ego obscuro, a Sombra que você tem medo de enfrentar e dizer: "Isto também sou eu"? (...) O Vicente é um desses poucos dos quais se pode dizer: foi o sal da terra, deu sabor às coisas, e quem foi assim (é) podemos e devemos chamar de bom. Assim o chamo e reconheço. Se você fixá-lo, na inverdade, como eu poderia continuar a chamá-lo de amigo? (SILVA, 1973).

Para Dora, Vicente foi bom. Para Flusser, o pensamento de Vicente é um Mal que causaria genocídio ao ser aplicado. Vejamos trecho de carta subsequente, enviada por Flusser:

(...) Kafka diz: "A bengala de Balzac diz: rompo tôdos obstáculos. Minha diz: todos obstáculos me rompem. A palavra "todos" é comum a ambas." Não preciso interpretar os citados. Se te feriu e você me feriu, é isto um aspecto essencial do "viver em conjunto". Porque ao ferirmos-nos mutuamente, ferimo-nos a nós próprios, e somos nós os nossos próprios obstáculos que nos rompem em busca do outro. O importante é que não nos fechemos, feridos, em punho com unhas encravadas, mas tentemos manter a palma aberta (FLUSSER, 1973).

E é justamente nesse trecho que vemos mais um pouco do ponto de vista de Flusser em relação às

conexões. Ao dizer que “ao ferirmos-nos mutuamente, ferimo-nos a nós próprios, e somos nós os próprios obstáculos que nos rompem em busca do outro” (FLUSSER, 1973), reitera conceitos que foram, mais de uma vez, discutidos em sua obra: apenas há diálogo a partir da diferença. O conflito é necessário para que prossigamos desenvolvendo nosso próprio pensamento e, acima de tudo, descobrindo a nós mesmos. E, justamente por isso, ressoa ainda mais forte a frase “O importante é que não nos fechemos, feridos, em punho com unhas cravadas, mas tentemos manter a palma aberta” (FLUSSER, 1973).

E isso é algo dito inclusive no decorrer do mesmo capítulo sobre o Vicente de sua autobiografia:

O encontro com tal universo foi para a gente um choque intenso e vivificador em muitos sentidos. Toda a mentalidade da gente, e toda experiência vivida pela gente, tinha produzido um método de pensar e especular dialético que oscilava da seguinte maneira: a gente se sentia sempre atraída por teorias e gozava entusiasticamente as suas belezas, mas logo em seguida a gente as procurava vivenciar em suas consequências concretas. (...) Pois o confronto com o universo de Vicente projetava a gente em uma direção a uma teoria incomparavelmente fascinante, porque se tratava de teoria da própria vivência (portanto teoria que se negava), e porque a tentativa de vivenciar tal teoria da vivência resultava na experiência da maldade. Como isto era possível? Então a gente não tinha, há muito, superado a dialética entre o Bem e o Mal, não tinha abandonado toda valoração, e não pairava acaso além do Bem e do Mal, nietzcheanamente? Como pôde o Mal chocar a gente? Que burguês era aquele que foi espantado dentro da gente por Vicente? E depois a gente ia descobrindo, pouco a pouco e penosamente, que tal burguês era um núcleo judeu-cristão que se tinha escondido em qualquer canto escuro dentro da gente, e que Vicente agora fazia ressurgir das cinzas (FLUSSER, 2007).

Ao se deparar com o conflito causado pelo pensamento de Vicente, que até então descreveu de forma tão violenta, descobriu algo sobre si mesmo. Vicente, segundo Flusser, resgatava uma ideologia enraizada fundo dentro do pensamento, “em qualquer canto escuro dentro da gente” (FLUSSER, 2007) e, assim, permitia que fosse possível tomar esse discurso e ressignificá-lo, não em oposição direta e fechada, mas na criação de um espaço neutro que permeia nas bordas desse conflito direto. Um espaço no qual é possível criar um vai-e-vem entre os dois lados, e assim recriar uma coisa nova e complexa.

Vicente tem toda razão ao afirmar que não posso ser livre se não procuro assumir todas as forças que se escondem dentro de mim para me determinarem. (...) O próximo passo deve ser assumir também todas aquelas forças dentro de mim que não sou ainda, mas que devo ser para ser livre. Tais forças agirão sobre o que sou, e como tenho me assumido, e assim tais forças me alterarão, ou melhor: eu me alterarei a mim próprio graças a tais forças. Por ter mostrado à gente teoricamente o inferno, Vicente abriu para a gente o caminho para a busca (frustrada, mas não obstante indispensável) do céu. Ao ter mostrado de maneira tão fascinante



o paganismo, Vicente abria para a gente o judeu-cristianismo. Marcou assim a vida toda da gente (FLUSSER, 2007).

## V

Já num importante artigo intitulado “Vicente Ferreira da Silva” (FLUSSER, 2002), espécie de prévia concentrada do que viria a ser o seu “Fenomenologia do brasileiro” (FLUSSER, 1998), o pensador tcheco, via atitude filosófica de Vicente, busca enfrentar, fora do clima solto das cartas, algumas das dualidades ocidentais cuja superação revela a condição brasileira: religiosidade/paganismo, historicidade/não-história, língua flexional/ritmo-e-festa, lógica binária/lúdico-mítico, eurocentrismo burguês/vivência concreta da natureza e ambiente. Não podemos deixar de escolher certas passagens fundantes: “Em desafio ao destino que se abateu sobre ele, qual ave estupidamente rapina para dilacerar-lhe o corpo, representa Ferreira da Silva uma esperança para o pensamento brasileiro”. Faz em seguida referências ao ambiente mestiço que propicia um pensamento singular: “É uma cena sui-generis. Uma fusão de elementos alhures incompatíveis, que promete ser criadora de novos valores, está se processando neste país. Dessa fusão participam, com ênfase maior e menor, praticamente todos os povos europeus, um forte substrato negro (...), os povos do Extremo-Oriente (...) e um leve aroma da população índia exterminada paira sobre este processo todo.” Não exige agora Flusser de Vicente a vivência concreta cobrada implacavelmente numa das cartas:

Essas realizações começam a sair do terreno do possível e irrompem dramaticamente para dentro do território da realidade. Irrompem em forma de música, na qual o ritmo africano se casa com a tradição europeia. (...) E começam a irromper na forma do pensamento abstrato. (...) O pensamento ferreiriano é uma das fontes das quais esse sistema brota”. Daí a importância da festa pagã e da natureza: “A natureza fica aniquilada. A festa pagã, fundamento de toda civilização, é uma orgia na qual o homem se confunde com a natureza. A civilização ocidental acaba com essa festa.” Nesse novo panorama da paisagem, em que a língua é mais aglutinante (pela mescla do tupi e do banto), situa o Brasil: “O pensamento ocidental é fundamentalmente negativo, embora disfarce o seu ódio em ‘amor ao próximo’. (...) O pensamento ocidental e, em consequência, toda a história do Ocidente, é uma fuga à natureza. (...) Felizmente o Brasil não totalmente é ocidental (FLUSSER, 2002, p.107-111).

Na “Fenomenologia do brasileiro” dirá que só é ocidental na superfície. E arremata com Vicente: “A natureza, aceita como simbólica, volta a ser a própria presença, a revelação simultânea dos múltiplos aspectos do divino. No Brasil, este tipo de pensamento simbólico é novamente possível, e Ferreira da Silva nos convida a dele participar” (FLUSSER, 1998).

Vemos então como as cartas devem ser lidas em consonância com o que é dito em artigos, livros etc. (incluídos aí os mencionados encontros no terraço), para formar um arquipélago de conhecimento complexo em movimento. Parece criterioso dizer que os temas, os afetos e o ambiente social da cartas e demais textos

permitiram a Flusser chegar a formulações básicas como a seguinte, na sua “Fenomenologia do Brasileiro” (1998: p. 48):

Tornar-se brasileiro significaria alterar a estrutura dos pensamentos, desejos, sentimentos e atos para dar-lhes nova dimensão, que supere e substitua uma dimensão sociocultural mais antiga. E significaria vivenciar o ambiente brasileiro como mundo vital (lebenswelt), por coincidência da nova dimensão com a estrutura do ambiente” (FLUSSER, 1998).

Ao se deparar com o pensamento de Vicente, Flusser conseguiu colocar sua própria carga e acrescentar algo a seu próprio processo: sobre o reconhecimento das forças que nos controlam, que nos são impostas socialmente e ditam nossa vida, e como é possível alterar a si próprio tendo isso em vista, a partir do próprio ambiente brasileiro. É uma incorporação que também mexe com sua sensibilidade, montando uma espécie de rima patológica entre um começo de capítulo e o desdobramento para a sua conclusão; o meio, sim, é excessivamente brutal, sobretudo para pessoas ligadas a Vicente como Dora. Esse meio mesmo é que contém, nos vieses da sua forma violenta, uma complexidade de significação e gesto que vale a pena absorver. Algo que só é possível ao se manter a palma aberta. E é essa a natureza da “violência” que, segundo Flusser, caracterizava os encontros no terraço.

## VI

Os diálogos de Flusser com seus amigos e colegas tinham muitos conflitos. Algo que fica aparente ao ler as correspondências é justamente como Flusser incitava o conflito e gerava de formas muito certas a inquietação de seus interlocutores, muitas vezes levando a crer que seu objetivo seria não uma ruptura ou uma irritação gratuita, mas sim atingir justamente o efeito que Vicente tinha sobre ele: o de, mostrando outras direções do pensamento, trazer à tona - com fortes emoções - aquilo que dormia dentro do outro. Por isso, disse certamente Batlickova (2010: p. 97): “Vilém Flusser encontrou a solução da crise do pensamento ocidental na volta a seu caráter festivo. No entanto, o que se manifesta na situação atual é o contrário. A conversação ocidental torna-se cada vez mais rígida, girando em círculos cada vez menores”. Com Dora há muitas situações similares, mas as conversas com ela tinham sua particularidade – como com todos.

Em outra carta enviada à Dora, resposta direta àquela de 21 de Setembro de 1973, podemos ler:

sua carta de 21/9, (que não sei se é resposta à minha de 16/8, aquela que você prometeu pelo telefone), tem, é claro, dois aspectos: o óbvio, (a crítica da minha autobiografia), e o existencial, (a facada pela qual você corta tua amizade comigo). Nada posso dizer quanto ao segundo aspecto. Se tua amizade era relação, não entre nós, mas sujeita a hierarquia de relações que te unem a outros, tanto faz cortá-la ou não: nunca foi amizade. Isto nada diz a respeito da

relação que me une a ti, e que não pode sofrer modificações por sua parte. (...) De maneira que responderei apenas ao conteúdo óbvio da tua carta: a crítica ao que escrevo. Você menciona apenas três trechos: o relativo a ti (na penúltima carta), e o relativo a Vicente e G. Rosa, de forma que você está criticando fora do contexto. (Prova que você não está interessada na obra, nem em mim, mas nas pessoas criticadas.) Tua crítica quanto ao “tom” é que é falso, e quanto ao conteúdo, (no caso de Vicente), que não capto o fenômeno da mesma maneira como você o capta. (Fica subentendido que você o capta “corretamente”.) O “tom” é, como você sabe muito bem, resultado de esforço consciente para evitar sentimentalismo. Pode ou não ser bem sucedido mas não creio que seja insincero. Senão, porque escreveria o que escrevo? Quanto ao conteúdo, não quero entrar na discussão teórica do Vicente em si “para mim”, e “intersubjetivo”. Quero apenas dizer duas coisas. (1) Se você sentiu ataque a Vicente por minha parte, é que você está obcecada por “lealdade” cega, portanto, esta sim, falsa. (2) Quanto à minha caracterização da “maldade”, você está concordando comigo, ao falar em “sal” e “sombra”, (atributos diabólicos), apenas você está absolutizando, aonde eu relativizo. (Nunca afirmei, se me lembro bem, que Vicente foi para mim “a maldade”.) Protesto, no entanto, contra a tua imputação de “inverdade”. Não minto = falo o que sei não ser a verdade. A geografia e história estão metendo cunha entre nós. Quanto a mim, não permitirei que tais interferências destruam uma relação que para mim é preciosa. Continuo o mesmo pra você, com ou sem tua carta. Seja abraçada” (FLUSSER, 1973).

O termo “ruptura”, usado aqui na carta de Flusser para descrever a percebida “brutalidade” e “falta de caridade” de Dora, também é muito utilizado no trecho dedicado à Dora no texto de Bodenlos:

Talvez a ruptura esteja na própria gente: a presença concreta de Dora emana clima que é diferente para a gente do emanado por sua obra. Tais climas podem ser formulados da seguinte maneira: a poesia de Dora emana a beleza da harmonia, a presença concreta da Dora a beleza da dissonância sofrida (FLUSSER, 2007).

Essa é uma das muitas vezes que ele usa o termo “ruptura” em Bodenlos. Lendo as correspondências, conseguimos entender um pouco o que ele quis dizer: é muito difícil de separar a obra de Dora da pessoa. Conhecendo a pessoa Dora Ferreira da Silva, torna-se ainda mais difícil realizar uma leitura crítica de sua obra. Não é acaso, mas perfeitamente orgânico na forma mentis de Dora, que uma série de poemas (talvez a mais perfeita) se chame “tapeçarias”. A simbologia dos tapetes medievais (por exemplo, dos de Peaune e Angers, que a gente viu recentemente), com sua estrutura lógica perfeita, sua beleza diáfana a um sentido profundo, sua aparente ingenuidade e extrema sofisticação elaborada, é boa introdução para o universo de Dora. Para ela, fazer poesia é tecer símbolos que desalienem, no sentido de mediar com a verdadeira realidade, que é trans-humana (FLUSSER, 2007).

É uma experiência particular conhecer pessoas por meio de suas correspondências. As cartas trocadas entre Flusser e Dora são complexas e longas a ponto de poderem facilmente ser lidas como ensaios ou teses

que passam por inúmeros temas, objetos e corpi. Nas conversas conseguimos perceber os temas, discussões e suas articulações, e a “ruptura” dita por Flusser entre a presença física de Dora e suas cartas é notável, principalmente para aqueles que não puderam ter o privilégio da sua presença física. Se esta projeta uma sombra que dificulta a leitura de suas obras, quem não a conheceu pode apenas compreender com certa distância a relação entre a pessoa e a poesia. A “ruptura” é diferente tanto em formato quanto em intensidade.

A poesia de Dora se coloca em um ritmo específico, pela construção das palavras usadas, que organiza seus fios simbólicos em formas complexas de marchetaria. A construção da poética é meticulosa, a ponto de que cada palavra provoca um processo de pensamento, na sua relação fonética, gramatical e de conteúdo, com as que vêm depois. Assim, Dora tece suas tapeçarias, relacionando e compondo com diferentes elementos de forma, para dar nova vida às palavras que usamos no nosso cotidiano, usando da linguagem cotidiana para criar símbolos que agem nos interstícios e nas menores partículas entre as palavras, trazendo interesse para o que há entre as coisas, e não nas coisas em si. A esse modo de compor, na poesia, nas falas e na vida, Flusser chamaria “a liberdade que se exprime pelo gesto barroco” (FLUSSER, 2014: p. 24).

## REFERÊNCIAS

BATLICKOVA, Eva. A época brasileira de Vilém Flusser. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. Gestos. São Paulo: Annablume, 2014.

\_\_\_\_\_. Filosofia da linguagem, Revista do Departamento de Humanidades ITA, vol. 2, São José dos Campos, 1966.

\_\_\_\_\_. Língua e realidade. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. Vicente Ferreira da Silva. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia do brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998.

\_\_\_\_\_. A dúvida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

\_\_\_\_\_. Correspondência a Dora Ferreira da Silva. 16 de Agosto de 1973, p. 33. Cor\_9\_06-DORA\_3126\_DORA FERREIRA DA SILVA 1 OF 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquivovilemflusser.sp>

com.br/vilemflusser/?page\_id=886>. Acesso em: 3 de Setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. Correspondência a Dora Ferreira da Silva. 21 de Setembro de 1973, p. 33. Cor\_9\_06-DORA\_3126\_DORA FERREIRA DA SILVA 1 OF 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=886](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=886)>. Acesso em: 3 de Setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. Correspondência a Dora Ferreira da Silva. 18 de Outubro de 1973, p. 33. Cor\_9\_06-DORA\_3126\_DORA FERREIRA DA SILVA 1 OF 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=886](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=886)>. Acesso em: 3 de Setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. Correspondência a Dora Ferreira da Silva. 3 de Dezembro de 1973, p. 33. Cor\_9\_06-DORA\_3126\_DORA FERREIRA DA SILVA 1 OF 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=886](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=886)>. Acesso em: 3 de Setembro de 2019.

SILVA, Dora Ferreira da. Correspondência a Vilém Flusser. 21 de Setembro de 1973, p. 33. Cor\_9\_06-DORA\_3126\_DORA FERREIRA DA SILVA 1 OF 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <[http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page\\_id=886](http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=886)> . Acesso em: 3 de Setembro de 2019.

TYNJANOV, Yurij. Avanguardia e tradizione. Bari: Dedalo Libri, 1968.